

Prevalência e tratamento da esquistossomose no município histórico de Marechal Deodoro, Estado de Alagoas

Andrea G. S. Melo¹; José Jenivaldo M. Irmão²; Taíssa Alice S. Calasans¹; Sheila S. Araujo³; João Victor D. Santana³; Veronica L. S. Jeraldo¹; Cláudia M. Melo¹

¹Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes/ITP, 49032-490 Aracaju, SE, Brasil. Email: andrea_al@bol.com.br. ²Instituto Federal de Alagoas. Campus Marechal Deodoro, 57160-000 Marechal Deodoro, AL, Brasil. ³Programa de Iniciação Científica/PIBIC-CNPq da Universidade Tiradentes, 49032-490 Aracaju, SE, Brasil.

A esquistossomose mansônica continua a ser um grave problema de Saúde Pública no Brasil, com áreas de concentração no Nordeste e no estado de Minas gerais. O objetivo deste estudo foi avaliar a prevalência da esquistossomose em Marechal Deodoro, localizado na mesorregião leste de Alagoas, sob o âmbito do Programa de Controle da Esquistossomose (PCE). Após a análise das fichas de 3.295 indivíduos cadastrados no PCE, identificou-se que 17,4% (574) eram provenientes da área rural (Sítios Porto Grande e Ladeira do Feitosa), os quais foram submetidos ao exame coproparasitológico pelo método de Kato-Katz. A prevalência da infecção esquistossomótica foi de 14,4% e neste cenário, aproximadamente 70% dos indivíduos com exames positivos para *Schistosoma mansoni* aderiram ao tratamento com praziquantel, fármaco com melhor relação custo/tratamento. Na área urbana do município (Vila Altina e Taperaguá), foram cadastrados 2271 indivíduos (82,6%), entre os quais 68,8% foram submetidos a avaliação parasitológica. A prevalência na área urbana, local de intenso fluxo migratório em função do perfil turístico do município, foi de 20,4% com adesão à terapêutica ligeiramente menor (62,6%). Estes dados revelaram que a prevalência da esquistossomíase é elevada, o que permite inferir que as localidades pesquisadas apresentam focos de transmissão bem estabelecidos e ativos provavelmente relacionados a atividades de lazer e/ou geração de renda. Ressalta-se a alta adesão ao tratamento esquistossomicida com o propósito de reduzir a carga parasitária e a evolução para as formas graves dessa helmintíase. No entanto, esta situação epidemiológica requer vigilância contínua do PCE e Programa de Atenção Básica, assim como a elaboração de ações articuladas entre os setores públicos de saúde, turismo e ambiente, incluindo-se intervenções de Educação em saúde, a fim de aliar competências para reduzir ou eliminar os fatores de risco para a infecção esquistossomótica.

Palavras-chaves: esquistossomose, prevalência, tratamento.

Apoio: FAPITEC/SE; CNPq